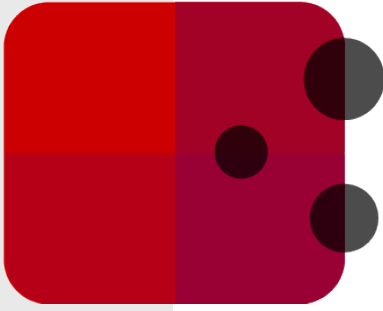


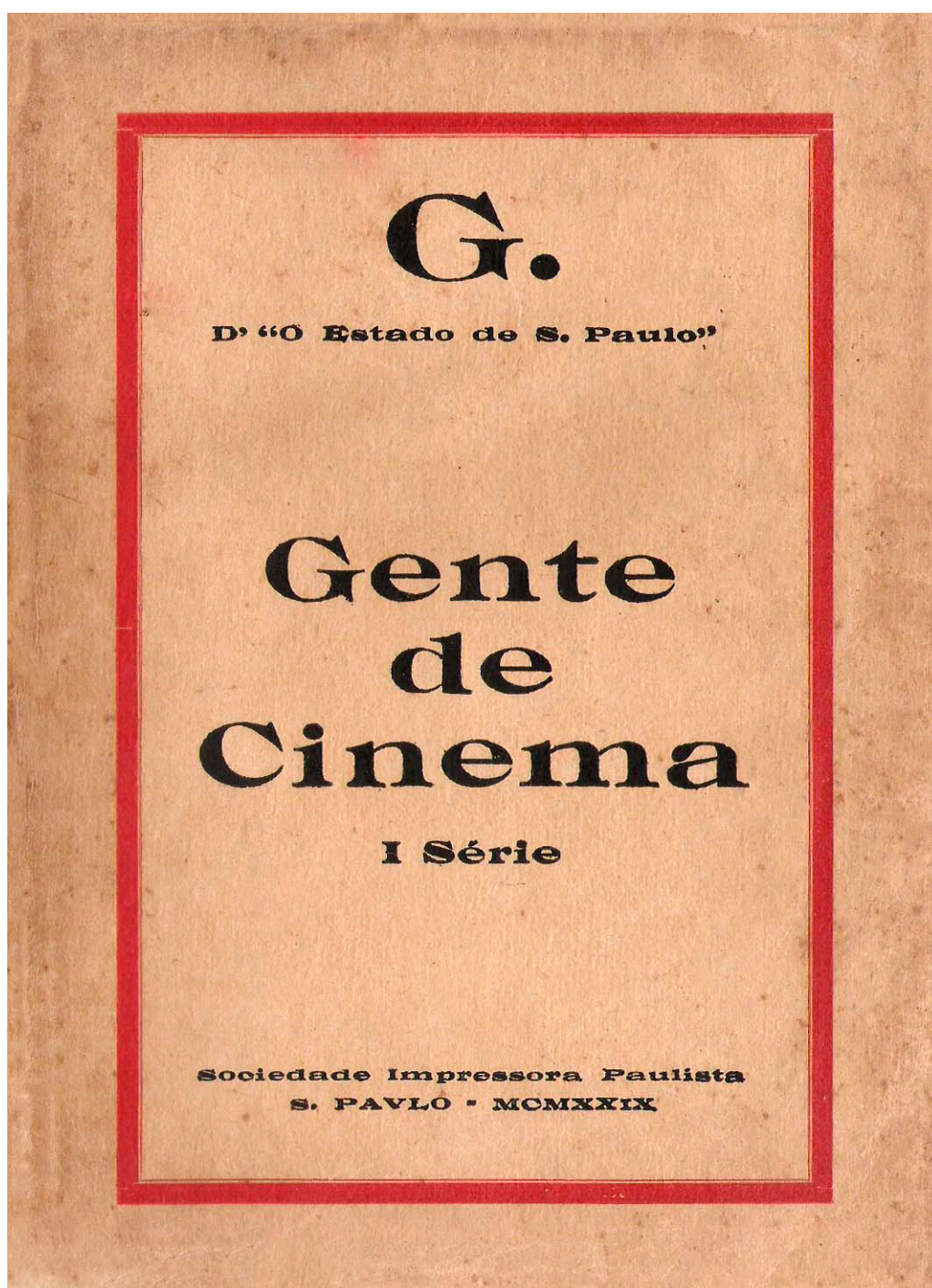
rebecca



Constelação

Guilherme de Almeida¹

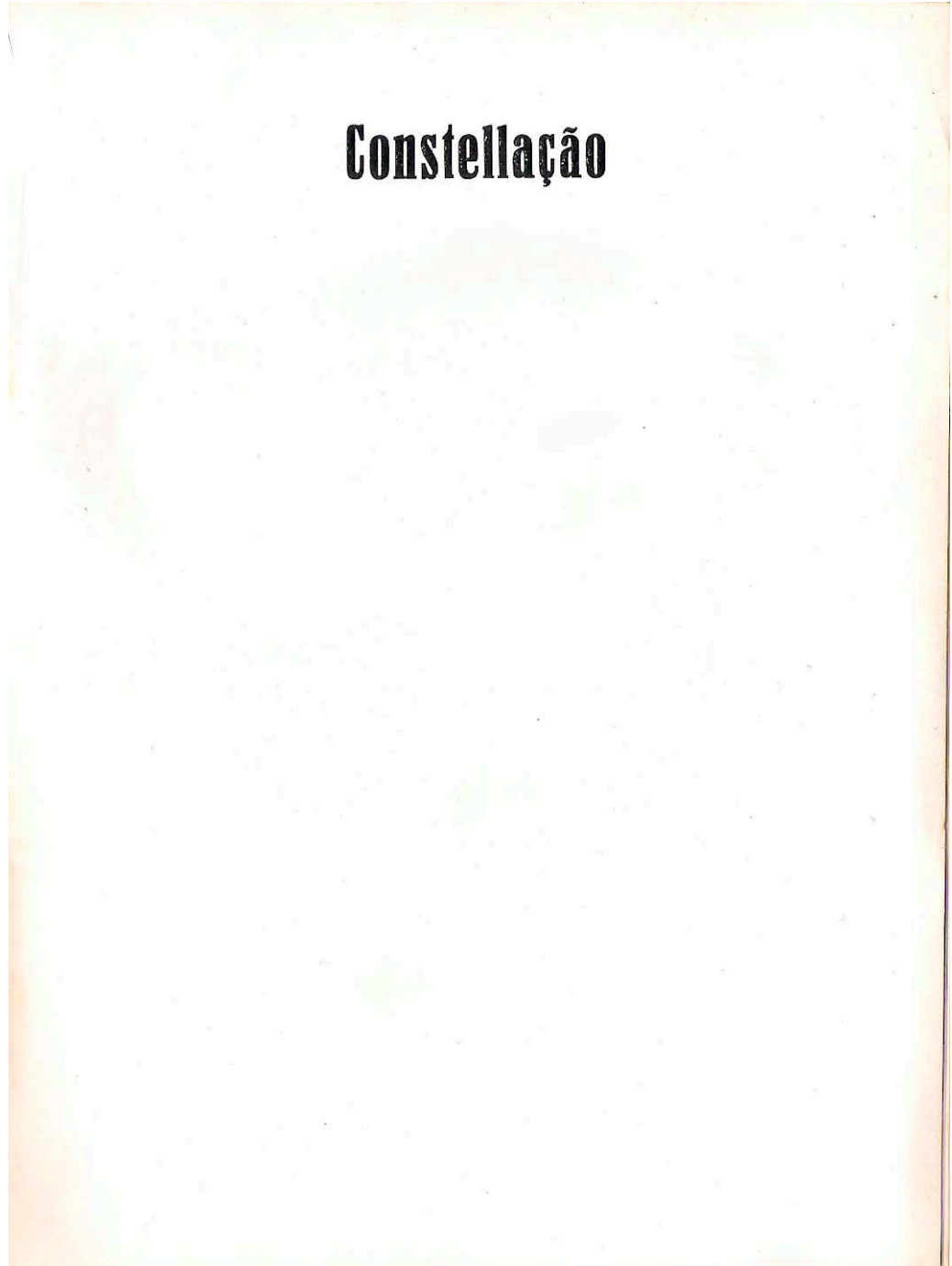
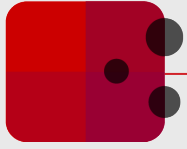
1. O escritor modernista Guilherme de Almeida (1890-1969) escreve críticas de cinema no jornal O Estado de S. Paulo a partir de 1926, indo até pelo menos a década de 40. Nelas testa diferentes modos de crônica e notas de comentário, que merecem avaliação na história da nossa crítica cinematográfica, sobretudo na capacidade de observar nos atores o que mais desperta interesse no público leitor. Edita seus "retratos" dos atores de sucesso nas telas silenciosas num esquecido livro de 1929, *Gente de cinema*, de que selecionamos esta moderna Marion Davies que reverbera versatilidade imitando numa só seqüência uma galeria de estrelas norte-americanas e européias, neste não menos moderno filme de King Vidor, *Filhinha Querida* (1927, *The Patsy*, <<http://www.youtube.com/watch?v=Ff4X4E1JdSE>>).





Marion Davies

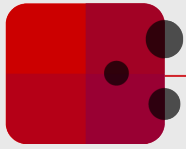
Endereço: *Metro-Goldwyn-Mayer Studios, Culver City, Cal.*





Um dia, num dos numeros do *Vanity Fair* — esse *magazine* riquissimo, elegantissimo, subtilissimo, onde todas as vaidades bonitas desfilam como *girls* côr-de-rosa numa *passerelle* de café-concerto — encontrei uma pagina que me reteve a atenção durante esses dez minutos de sonho, que tanto dura o meu cigarro preguiçoso. Estava alli, linda, seductora, bem impressa, entre aquellas folhas tão caras em que Tiffany & Co. anunciam joias; Lincoln exhibe um novo *all weather cabriolet*, verde, brilhante e precioso como uma esmeralda; uma companhia maritima convida gentes de todo o mundo para essa *land of romance and charm* que são as Ilhas do Sul, penduradas no mar como uma grinalda de *leis* quente e

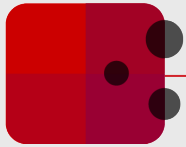
— 83 —



Gente de Cinema

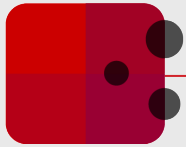
cheirosa; entre aquellas folhas que trazem os retratos importantes de um grande esculptor, de uma princeza inédita, de uma *débutante* cheia de dollares e esperanças, de uma *estrella* perigosa do excellent sr. Ziegfeld, e os desenhos ironicos, deformantes, gordos, salientes de Miguel Covarrubias . . . Era uma pagina cinematographica. Ah! o cinema! “O barbaro invasor” — na indignada, acertada e inutil exclamação de um theatrophilo que me odeia. Invade tudo: familias, transatlanticos, penitenciarias, conventos, escolas, codigos de menores . . . Invadiu tambem o *magazine* muito masculino e muito frivolo das ultimas elegancias Londes-Pariz-Nova York.

A pagina em questão parecia-se com qualquer pagina de qualquer revista cinematographica. Apenas a photographia era melhor: era dos *ateliers* de Ruth Harriet Louise. Os retratos de sete estrellas — um setestrello fatidico na vida de muito homem ingenuo e lyrico — equilibrados com habilidade na pagina alva: a Gish, a Garbo, Gloria Swanson, Mae Murray, Mary Pickford,



Gente de Cinema

Pola e, afinal, Marion Davies. (Este “afinal” tem uma forte razão de ser...). Mas, aquella sóror angelica, fina e delicada como um passarinho, não era Lillian Gish; nem aquella gata exquisita de olhos arrevezados era Greta Garbo; nem aquelle olhar humido, quente e lento e aquelle riso lustroso de carmim e perola eram de Gloria Swanson; nem aquelle *bobed hair* claro e frisado como um carneirinho e aquella bocca de *bombon fondant* eram de Mae Murray; nem aquella menina antiquada, de cachos doirados e caprichosos era a eterna *our Mary*; nem aquella expressão louca de dôr e paixão era de Pola Negri... Simples illusões. Eram *poses*, eram imitações, eram transformações, eram *pastiches*, eram parodias dessa inimitavel, incaricaturavel Marion Davies. Eu sabia della, até então, outras especialidades. Sabia, por exemplo, que tinha lindas sardas em torno do narizinho adoravel; a a mais rica colleccão de joias de toda a California; um appartamento *indefinitely huge* em New York; uma bôa porção de casas no Reino de Celluloide, que deixam o



Gente de Cinema

Hotel Ambassador pequenininho como um *bungalow*; um *gorgeous sense of humour*; uma especial idolatria pelos heróis do ar (Lindbergh foi seu hospede); que ella sa-hira, muito facilmente, numa ventania de propaganda, de um lar simples para as *Follies* e das *Follies* para o cinema; que a sua residencia praiana é um palacio branco, onde ha azas e hélices e oito quartos de hospedes; que ninguem é perfeito e completo em Hollywood antes de ter sido seu hospede; que os seus vestidos são simples e que o seu lemma é este: “Não seja louco! Jogue fóra o seu dinheiro!”... Etc. Mas aquella sua malleabilidade eu desconhecia.

Ora, pouco tempo depois, eu via, *via*, de verdade, na téla, animar-se e viver aquella pagina inerte do *Vanity Fair*. Era no film *Filhinha Querida* (*The Patsy*). E sahi pensando que Marion era um milagre. Ella consegue reproduzir fielmente, iludindo até o olhar mechanico de uma objectiva, qualquer *estrella* do céu de celluloid. Marion não é uma *estrella*: é toda uma constellação; não é uma artista: é um *cast*



Gente de Cinema

inteiro. E a gente não póde deixar de concordar em que Marion, a *versatile queen of the movies*, é mais do que Deus: conseguiu fundir, não tres, mas sete pessoas distintas numa só verdadeira.